

A Sociedade do Espetáculo nos Depoimentos da Expedição A2C Intercom Sul 2015¹

Daniel Weterman da SILVA²

Maurício José MELIM³

Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, Joinville, SC

Resumo

O presente artigo visa identificar características da sociedade do espetáculo, conceito elaborado por Guy Debord, em depoimentos coletados durante a Expedição A2C Intercom Sul 2015, que visitou cursos de Comunicação Social no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul em abril de 2015 para divulgar o XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Como o tema do evento foi Comunicação Cidade Espetáculo, a equipe da expedição perguntou a pessoas ao redor das universidades quais os principais símbolos da cidade onde estavam e suas experiências particulares mais intensas na cidade. A proposta é identificar a presença do espetáculo na forma como as cidades foram referenciadas e comparar essas características com as experiências particulares relatadas como significativas.

Palavras-chave: espetáculo; sociedade do espetáculo; cidade espetáculo; Intercom.

1. Introdução

Guy Debord, ao formular o conceito de espetáculo em sua obra de 1967, citou diversas características da sociedade francesa a qual pertencia e, ao mesmo tempo, renunciou particularidades da sociedade onde vivemos hoje. A valorização da representação em sobreposição ao real, a relação de pessoas mediada por imagens e as referências criadas que desconsideram a individualidade de cada cidadão produtor são pontos analisados em uma sociedade de consumo.

O XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2015, tem como tema Comunicação Cidade Espetáculo, provocando a reflexão sobre essa relação nos congressos regionais e nacional promovidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Na etapa regional Sul, a organização promoveu a chamada Expedição A2C Intercom Sul 2015, que visitou cursos de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, e-mail: danielweterman@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Graduado em Comunicação Social Publicidade e Propaganda pela Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC (2001). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Professor dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC (2001), e-mail: mauriciomelim@gmail.com

Comunicação Social nos três Estados da Região: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O objetivo foi divulgar o evento, realizado de 4 a 6 de junho em Joinville (SC), nas universidades e transmitir experiências da expedição através da rede social Facebook.

Especificamente a equipe que viajou pelo Rio Grande do Sul (que publicou a maioria dos vídeos disponíveis na página) visitou 14 cidades e seus cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Os integrantes captaram depoimentos de estudantes e outras pessoas ao redor das instituições de ensino. Nos vídeos, as pessoas comentaram os símbolos que levavam a cidade onde estavam a serem conhecidas e logo após foram provocadas para relatar as experiências particulares mais marcantes que tiveram naquela cidade.

O objetivo neste artigo é identificar nesses depoimentos características da sociedade do espetáculo, com base na obra de Debord e autores que auxiliam a entender esse conceito. Seguindo os pontos conceituados pelo autor, é possível comparar as referências da cidade citadas por cada depoimento com as experiências particulares da pessoa. Nas reflexões, utilizou-se também as características da sociedade do consumo, tão bem conceituada por Zygmunt Bauman.

As considerações procuraram pontuar, não numa análise geral das cidades por onde a expedição passou, mas especificamente nos depoimentos coletados, a presença do espetáculo nos discursos das pessoas e se esse espetáculo é repetido ou contrariado nas vivências particulares.

2. O espetáculo

O conceito de sociedade do espetáculo, elaborado num contexto social e político de protestos, greves estudantis e trabalhistas na França nos anos de 1960 e possível de ser usado para analisar uma sociedade em outro momento, está presente na obra de Guy Debord publicada no ano de 1967. De forma geral, a sociedade do espetáculo é aquela em que as relações sociais se tornaram entes separados de seus produtores (os próprios cidadãos) para se tornarem imagens mediatizadas, noções autônomas e características presentes no imaginário social como se fossem impossíveis de serem transformadas, questionadas e entendidas no seu contexto histórico e social. Nada mais se vê se não as mercadorias, as imagens e o espetáculo de cada cidade. O cidadão se entende assim já incluído nesse espetáculo sem ao menos questionar seu contexto, origem e a participação dele na produção e na posição de alienado em todo o processo.

Percebendo os meios de comunicação como intensificadores do espetáculo, a experiência das pessoas em relação à cidade onde vivem passa a ser o produto mediatizado e apresentado como símbolo, referência, impossível de ser manipulado. As subjetividades, particularidades e experiências do indivíduo, se não inseridas no espetáculo, passam a ser desconsideradas e desvalorizadas.

Na primeira das 221 teses desenvolvidas ao longo de seu livro, Debord relaciona o espetáculo à sociedade produtora capitalista:

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. (DEBORD, 1997, p.13)

Coelho (2006) afirma que esse primeiro parágrafo demonstra a dimensão histórico-crítica da obra do autor francês, pois contextualiza que o espetáculo é fruto das “condições modernas de produção” e afirma o efeito negativo desse processo. O que era “vivido diretamente”, por experiências particulares, agora meramente é representação. O produto da fábrica e o contexto histórico e social da produção são separados do indivíduo e a este resta apenas contemplar essa imagem.

O espetáculo torna-se um “movimento autônomo”, para Debord. Separado, assim, do indivíduo e de sua capacidade de interferência. Toda a representação e a imagem da realidade passam a fazer parte da sociedade, unificam a linguagem e a referência dessa sociedade:

O espectáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade, e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo próprio fato de este setor ser separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é tão-somente linguagem oficial da separação generalizada. (DEBORD, 1997, p.14)

Ao considerar uma cidade, o espetáculo é a linguagem oficial daquele lugar e o que é dito é generalizado, seja por qualquer pessoa e independente de suas vivências particulares. Na quarta tese de sua síntese, Debord (1997, p. 14) chega ao âmago de seu conceito ao falar que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” As experiências e relações, nessa perspectiva, passam a ser determinadas pelo espetáculo e entendidas a partir do que ele apresenta.

Assim, o que é produzido nessa sociedade passa a ser o “modelo”, o ideal para todas as pessoas e relações. O cidadão já não escolhe mais como viver, como falar sobre a cidade,

como estabelecer as relações com as outras pessoas e setores da sociedade, mas, se depara com um modo de se relacionar já pronto, espetacularizado. Essa noção está presente na tese número 6 do autor:

Sob todas as suas formas particulares - informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a presença permanente dessa justificação, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORD, 1997, p. 14-15)

Impossível é, assim, questionar esse modelo se o que tomamos como base é o determinado pelo espetáculo. Debord (1997, p.17) reforça que “a atitude que por princípio ele [o espetáculo] exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência.”

A vivência, na sociedade do espetáculo, vai sendo traduzida pelas imagens e excluindo a compreensão de existência de cada indivíduo:

“A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.” (DEBORD, 1997, p.24)

3. A expedição

A Expedição A2C Intercom Sul 2015⁴ ocorreu do dia 5 a dia 13 de abril de 2015, com três equipes partindo de Joinville percorrendo os três Estados do Sul do país. Em cada equipe, estavam um professor coordenador, um motorista, um acadêmico de Publicidade e Propaganda da Universidade Regional de Joinville (Univille) e outro acadêmico de Jornalismo da Associação Educacional Luterana de Santa Catarina Bom Jesus/IELUSC. A primeira instituição era a anfitriã do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (Intercom Sul) e a segunda era parceira institucional.

O roteiro estipulou o percurso de 9.228,36 quilômetros nos três Estados. Somente no Rio Grande do Sul, foram 3.715,56 quilômetros percorridos em 14 municípios, visitando os cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. O objetivo desta equipe era distribuir material de divulgação da Intercom Sul 2015, convidar

⁴ O título da expedição contém o termo “A2C” por este ser o nome da agência de Publicidade que apresentou e patrocinou a expedição e a realização da Intercom Sul 2015.

acadêmicos e professores para o evento e coletar depoimentos que remetessem ao tema da Intercom do referido ano: Comunicação Cidade Espetáculo.

Os depoimentos foram publicados na página oficial do evento na rede social Facebook. Durante aquela semana, 18 vídeos de um minuto a dois minutos e meio de duração foram veiculados trazendo o depoimento de pessoas sobre a cidade onde estavam. De forma geral, foram feitas duas perguntas a cada uma delas: 1) como aquela cidade era conhecida; e 2) quais haviam sido as experiências mais marcantes que elas viveram naquela cidade. Do total, 14 desses vídeos são de moradores de municípios gaúchos, três de cidades do Paraná e um de uma moradora de Santa Catarina.

Entre os vídeos, 13 contêm uma pessoa dando o depoimento e respondendo às perguntas feitas pela equipe, três apresentam três pessoas dando suas declarações e em duas publicações aparecem duas pessoas com suas falas.

Do total, apenas três vídeos não apresentam pessoas que estão diretamente relacionados aos cursos de Comunicação Social e foram coletados ao redor das universidades. O restante trata-se de acadêmicos, professores e profissionais dentro das instituições de ensino por onde as equipes da expedição passaram naquela semana.

Os vídeos foram gravados e, durante a semana de ocorrência, publicados com pessoas ouvidas nas seguintes cidades: Passo Fundo, Cruz Alta, São Borja, Bagé, Santa Maria, Pelotas, Porto Alegre, Caxias do Sul, Ijuí e Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul; Curitiba e Ponta Grossa, no Paraná; e Joinville, em Santa Catarina.

Os referidos depoimentos foram publicados de acordo com a disponibilidade das equipes durante a viagem e a aceitação ao convite por parte dos entrevistados. Como a viagem previa um percurso longo e a passagem por várias instituições de ensino nos Estados, não foi possível gravar depoimentos em todos os lugares por onde as equipes passaram, em função do tempo necessário à gravação, carregamento dos equipamentos na energia e sinal de internet para transmitir os dados à rede social.

Ao fim da expedição, no dia 13 de abril, as três equipes retornaram a Joinville para visitar as duas instituições de ensino com cursos superiores de Comunicação Social na cidade e encerraram os trabalhos.

4. Observando os depoimentos e identificando características do espetáculo

Entre as respostas dadas durante as entrevistadas e observadas nos vídeos da expedição, em nove publicações nota-se que as pessoas responderam pontualmente às

perguntas feitas, separando na fala as principais referências e símbolos da cidade das experiências particulares mais intensas que viveram naquele município. Perguntou-se os símbolos e referências da cidade com o intuito de identificar aqui o espetáculo de cada cidade, ou seja, a forma como essa sociedade do espetáculo construiu a imagem de cidade para ser compreendida por seus moradores e replicada pelos mesmos, com base no conceito de Debord (1997). Os demais depoimentos contêm falas específicas sobre a cidade e/ou sobre histórias e acontecimentos que aquelas pessoas viveram em determinado lugar. O exercício que se faz agora é encontrar características da sociedade do espetáculo no material.

A primeira observação é que entre os nove depoimentos que separaram pontualmente os símbolos da cidade, que podemos entender como o espetáculo apontado por cada pessoa, e as experiências particulares, cinco deles trouxeram falas em que a experiência não estava relacionada com a referência da cidade respondida na primeira pergunta. No oitavo depoimento publicado na página do evento, dois estudantes da Unifra (Centro Universitário Francisco), Guilherme Fogliarini e Andréia Both, citaram como referências da cidade de Santa Marina, no Rio Grande do Sul, o termo “cidade cultura” e a “gastronomia”. Ao falar de suas experiências particulares, responderam a formação acadêmica e as relações com os amigos na cidade como pontos mais significantes para cada um. Aqui, o espetáculo é dado, a cidade é citada como ela é conhecida, mas os próprios estudantes comentam que não é esse espetáculo que eles apontam como vivência significativa, que dá sentido à vida naquele lugar. Podemos identificar aqui, as referências de “cidade cultura” e “gastronomia” como espetáculos construídos para serem consumidos. No contexto de sociedade do espetáculo, Patias (2006, p.91) comenta que “o ser humano deixa de ser sujeito ativo de sua própria história, passando a ser submisso aos espetáculos consumistas.” O que os estudantes vivem, porém, não está diretamente relacionado às concepções apresentadas. Isso nos coloca uma crítica à maneira espetacularizada de ver a cidade. Há vivências para além disso, há realidades para além do espetáculo, embora ele queira excluir as subjetividades e o real para apresentar as imagens e supervalorizar o imaginário.

Uma ocorrência semelhante pode ser identificada no décimo depoimento coletado, na cidade de Pelotas, também no Estado gaúcho. A estudante Beatriz Castro, da UFP (Universidade Federal de Pelotas), cita como símbolos do lugar uma “cidade antiga com aspectos coloniais e histórica”. Ao responder sobre suas experiências pessoais, cita como

principais o contato com o frio do lugar e a gramática local, que mais a surpreendem na vivência cotidiana. A diferença para o caso anterior é que neste a gramática local pode estar relacionada com os aspectos históricos citados na primeira resposta. Mas houve uma distinção entre a experiência com o clima e o espetáculo “cidade antiga”.

A entrevista de número 11, feita com o estudante do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) Leonardo Mayer, também mostra uma divisão entre o espetáculo e a experiência particular. Como referências da cidade, o Parque da Redenção e a presença da natureza em Porto Alegre foram citados. Mas a experiência significativa do estudante esteve relacionada à cobertura das manifestações de junho de 2013⁵ como profissional de imprensa. Em Ijuí, a estudante da Unijuí (Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul) Luiza Gomes relaciona como referência do município o fato de ser “A Colmeia do Trabalho” e as diversas culturas étnicas presentes em feiras realizadas na cidade. Como experiências mais intensas, entretanto, comenta todas aquelas que viveu na universidade. Em Joinville, a estudante da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC Emely Kath Grawe fala que a cidade é mais conhecida pela ocorrência de chuva, os museus, a Rua das Palmeiras e a beleza natural. Como experiência principal, comenta uma convenção sobre tatuagens que participou com um trabalho desenvolvido por ela. Em todos esses casos, as experiências pessoais parecem não corresponder diretamente ao espetáculo citado e presente nos respectivos lugares.

Em um depoimento coletado na cidade de São Borja (RS), é possível afirmar que o espetáculo é afirmado e replicado mesmo sem ele estar na vivência particular da pessoa e torna-se objeto de contemplação. O que a estudante da Unipama (Universidade Federal da Pampa) Fanny Ferreira comenta remete à alienação do espectador em favor do objeto, citada por Debord (1997, p.24) quando afirma que “quanto mais ele [o espectador] contempla [o objeto], menos vive”. A estudante fala: “Eu sou mulher e não pude participar do Festival da Barranca⁶, que é o festival de música gaúcha, [...] E eu não posso participar, mas só de conviver com pessoas que participam faz jus à frase que norteia o festival, que é o ‘comício de espíritos’”. O evento ao qual ela referencia como símbolo da cidade não faz parte de sua vivência particular, mas o convívio com as pessoas que participam e a forma como o evento é divulgado tornam aquilo suficiente para ser entendido como espetáculo.

⁵ As manifestações de junho de 2013 tratam-se de uma série de protestos em capitais do país e cidades do interior que começaram com reivindicações relacionadas ao transporte coletivo e culminaram em apelos por parte da população sobre diversos serviços públicos.

⁶ O Festival da Barranca, explica Lerina (2013), é o festival regionalista realizado há mais tempo sem interrupção, desde 1972. Promovido nas margens do Rio Uruguai, é exclusivo para homens e para convidados previamente.

É importante destacar que os três depoimentos citaram diretamente eventos promovidos na cidade como principais símbolos e referências. Ao pensar sobre o espetáculo de cada cidade, é comum a ligação com eventos, ocorrências específicas. Mafra (2006) observa que para Debord o espetáculo não é algo excepcional, mas o autor francês fala de estrutura, de concepção, de funcionamento de uma sociedade. Mafra comenta:

Na perspectiva apontada pelos estudos de Debord (1997), a noção de espetáculo é vista como promotora de uma experiência vazia, comprometendo a autonomia do indivíduo no social. Obviamente, a obra de Debord (1997) não se resume a tratar do espetáculo como um processo ou evento que busca chamar a atenção e ganha um caráter próprio meramente por sua excepcionalidade. Suas preocupações evidenciam questões mais amplas: o espetáculo é parte intrínseca da sociedade moderna como um todo, e a sua inserção obedece a uma lógica perversa que condiz com a própria evolução e consolidação do sistema capitalista, e faz parte dela. (MAFRA, 2006, p. 55-56).

Uma ocorrência em quatro depoimentos é a citação de termos que afirmam como as cidades são conhecidas. A “Rainha da Fronteira” em Bagé, a “Cidade Cultura” em Santa Maria, a “Colmeia do Trabalho” em Ijuí e a “Cidade da Chuva” em Joinville são referências comentadas pelos entrevistados em resposta à primeira pergunta. Aqui, temos o que Debord (1997) chama de “a escolha já feita na produção”. Esses termos são anteriores às pessoas que os citaram durante os vídeos, e elas não se veem como produtoras. Como na sociedade do espetáculo, elas se enxergam já inseridas nesse contexto e na condição de replicar essa forma desconsiderando suas experiências particulares. O espetáculo é colocado como natural, como um ritmo normal da cidade, sem possibilidade de mudança ou questionamento.

Nos depoimentos, foi possível observar a ativação de uma falsa memória, problematizada por Debord (1997), por parte dos entrevistados em relação às cidades. Em Bagé, os estudantes Gabriel Bonilha e Hallana Oliveira citam que a cidade é a “Rainha da Fronteira” e possui uma “luz única para cineastas que só se encontra aqui”. Em Santa Maria, os acadêmicos Guilherme Flogliarini e Adréia Both apresentaram o município como “cidade cultura”, pois, segundo eles, assim era conhecido. A estudante Luiza Gomes também comentou em seu depoimento que a cidade de Ijuí era referência no cooperativismo e na presença de diversas culturas. A estudante Sabrina Heming, em Santa Cruz do Sul, chegou a citar que “todo mundo conhecia a cidade” por ser o lugar onde é realizada a segunda maior Oktoberfest (Festa de Outubro) no Brasil.

Como essas podem ser apontadas como características dadas pelo espetáculo, podemos identificar a ocorrência da produção de simulacros que criam necessidades.

Quando uma pessoa visita um lugar, nessa lógica, vai na verdade ao encontro das imagens produzidas e difundidas sobre aquele lugar. Nesse sentido, temos a tese 157 de Debord:

Como um outro lado da deficiência da vida histórica geral, a vida individual não tem ainda história. Os pseudo-acontecimentos que se amontoam na dramatização espetacular não foram vividos por aqueles que lhes assistem; além disso, perdem-se na inflação de sua substituição precipitada, a cada pulsão do mecanismo espetacular. Por outro lado, o que foi realmente vivido não tem relação com o tempo irreversível oficial da sociedade e está em oposição direta ao ritmo pseudocíclico do subproduto consumível desse tempo. Esse vivido individual da vida cotidiana separada fica sem linguagem, sem conceito, sem acesso crítico a seu próprio passado, não registrado em lugar algum. Ele não se comunica. É incompreendido e esquecido em proveito da falsa memória espetacular do não-memorável. (DEBORD, 1997, p. 107-108)

Novamente, podemos remeter ao depoimento de Fanny Ferreira, em São Borja, que não participou do Festival da Barraca, mas replica esse evento como referência da cidade, como símbolo, apoiada em uma falsa memória do não-vivido e espetacularizado. Nos dias de hoje, podemos identificar os meios de comunicação sendo transmissores desses espetáculos, divulgadores dessas referências repassadas a todos. O espetáculo, com essa organização, é para Debord (1997, p. 158), “*a falsa consciência do tempo*”. Ou seja, verdades são afirmadas e isso é passado como se fosse vivência de cada pessoa.

Interessante é observar os depoimentos em que os símbolos e referências (espetáculo) confirmaram a relação com as experiências ditas como particulares e significativas. Talvez uma das entrevistas em que é possível observar mais fortemente a presença do espetáculo na vivência da cidade e na aceitação disso é a realizada com os estudantes Gabriel Bonilha e Hallana Oliveira, da Universidade da Região da Campanha (Urcamp), em Bagé (RS). Em resposta ao questionamento se a vivência está relacionada a outras coisas além dos símbolos que eles haviam citados anteriormente, Hallana Oliveira responde: “Não. Acho que a gente vive isso. É uma coisa diária. [...] São coisas que vêm - como eu posso explicar? – desde a tua criação, desde o teu nascimento.” E Gabriel Bonilha completa:

A gente conhece muito a história da cidade, porque eu particularmente conheço muitas pessoas antigas que contam histórias, que relatam, que passam as experiências de vida para a gente. Nos ensinaram a viver aqui e saber aproveitar o que a cidade tem de melhor. [...] Temos que focar nos pontos positivos que a cidade oferece.

O espetáculo aqui determina a contemplação de imagens, de referências, para indivíduos que se veem obrigados a cumprir essa contemplação, a aceitar passivamente essa

representação e não se ver no papel de questionar. A partir de Debord, Ezequiel nos auxilia a pensar:

Quanto mais o indivíduo se reconhece nas imagens dominantes de necessidade, menos compreende sua própria existência, seu próprio desejo e vontade. Quanto mais aceita as imagens como verdade, menos sentido concede a sua existência real. (EZEQUIEL, 2006, p.141)

Essencial é assumir que, para Debord, o que sustenta o espetáculo é a sociedade do consumo. A mercadoria passa a ser o principal produto a ser apresentado. O espetáculo é colocado como real para ser consumido. Nas respostas ouvidas durante a expedição e publicadas na página oficial do Evento no Facebook sobre símbolos e referências das cidades, é possível verificar três vezes em que eventos são citados como espetáculo, uma vez em que a gastronomia é citada referência da cidade e quatro vezes em que lugares são referenciados como símbolos daquele espaço. Se nos basearmos na lógica de Debord em relação ao consumo no espetáculo, e vendo eventos, gastronomia e lugares como ambientes para alimentar a sociedade do consumo, teremos o comentário de Tonin (2007, p. 50):

Na sociedade do espetáculo, o sujeito trabalha para ser merecedor de férias, de poder, de consumo. São instâncias apresentadas como subprodutos, finalidades do próprio trabalho, instâncias consumíveis, amplamente vendidas como de possível acesso por todos. E, o que é mais radical, como se o indivíduo fosse capaz de encontrar a felicidade nelas. Para Debord, nada escapa à lógica espetacular do consumo. O espetáculo é o supermercado onde se compram rotinas, valores, lugares, prazeres que perambulam entre produtos multifacetados.

Assim, o espetáculo está para ser afirmado, referenciado e consumido. Se o que sustenta o espetáculo é o consumo, recorreremos a Bauman (2008) para conceituar a sociedade de consumidores:

A “sociedade de consumidores” [...] representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação. (BAUMAN, 2008, p.71).

As experiências não inseridas no espetáculo, nessa sociedade de consumo, passam a ser suprimidas. O espetáculo passa a tomar conta de toda a vida social, como expõe Debord em sua tese número 42:

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. A

produção econômica moderna espalha, extensa e intensivamente, sua ditadura. Nos lugares menos industrializados, seu reino já está presente em algumas mercadorias célebres e sob a forma de dominação imperialista pelas zonas que lideram o desenvolvimento da produtividade. (DEBORD, 1997, p. 30-31)

O que os estudantes citam como referências parece ser esse espetáculo, essas construções de eventos, lugares e símbolos feitos para serem consumidos e louvados como positivo daquela cidade, como principais condições de entendimento do lugar, como oportunidade para divulgar a cidade, para falar o que tem de bom, porque é isso que o espetáculo amplia e torna absoluto.

Dentro da série de depoimentos observadas neste trabalho, a “universidade” foi a ocorrência que mais apareceu duas vezes na entrevista, na resposta relacionada aos símbolos da cidade e na relacionada às experiências particulares mais significativas. Vida universitária, a própria instituição de ensino e eventos acadêmicos foram citados nessas falas. A explicação mais pertinente para essa ocorrência parece ser a situação de que a ampla maioria dos entrevistados eram acadêmicos e pessoas diretamente relacionados às universidades (profissionais).

Uma das entrevistas foi feita com um professor de Publicidade e Propaganda da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), em Curitiba. Por ser um especialista, o professor Fabio Feltrin explicou sua visão de como Curitiba se apresenta como cidade espetáculo. Em seu depoimento, citou que as pessoas fazem turismo na cidade e a levam através de imagens. Com essa explicação, dada em tom positivo, podemos observar o espetáculo se constituindo como promotor de uma cidade – pode-se dizer – através do consumo.

Outra característica das cidades citada como referência e símbolo por quatro depoimentos expostos da página da Intercom Sul 2015 é a cultura. Nessas falas, aspectos culturais das cidades são elevados como espetaculares. A negação e o consumo na cultura também são citados por Debord (1997) como características da sociedade do espetáculo. Diz o autor (1997, p. 126): “A cultura tornada integralmente mercadoria deve também se tornar a mercadoria vedete da sociedade espetacular.” Nova (2007, p.58) explica que “a cultura como mercadoria é meio para chegar ao essencial, *o consumo como prática cultural*.” O espetáculo parece ser o motivador e definidor de depoimentos como esses, em que o consumo através de imagens de uma cultura constitui os símbolos e referências de uma cidade/sociedade.

5. Considerações finais

Se o conceito de espetáculo serve para analisar sociedades em contextos e períodos específicos, é possível verificar sua ocorrência na vivência das pessoas que colocaram seus depoimentos durante a expedição. Lembrando que os apontamentos que temos aqui se restringem à observação dos depoimentos publicados no ambiente referenciado, e não na análise de produtos dos meios tradicionais de comunicação e outras manifestações nas cidades citadas.

Foi possível perceber que as pessoas continuam acionando as falsas memórias que revelam a lógica do espetáculo e da necessidade de consumo dessas imagens. Não apenas na França e no período de Debord, mas o funcionamento é repetido em cidades brasileiras e replicado por estudantes em cursos superiores de Comunicação Social. A primeira pergunta feita nos vídeos, perguntando quais eram as referências e os símbolos das cidades, já acionava a falsa memória e a forma como essa imagem estava concebida para ser apresentada.

Experiências particulares de pessoas ainda estão presentes, mas fica difícil delimitar pontual e objetivamente se tratam do que realmente foi vivido e pode ser experimentado individualmente. O que observamos é uma mescla de espetáculos e experiências, o espetáculo de alguma forma influenciando no relato de vivências individuais e – quando referenciado claramente – ofuscando totalmente a verdade do indivíduo para afirmar a sua verdade construída.

Um ponto curioso é que o ambiente onde os vídeos foram gravados e a atividade desenvolvida deveriam incentivar a reflexão crítica em relação aos espetáculos das cidades que foram replicados e apresentados como resposta. Embora isso, como já dito, pode ser resultado da própria natureza da pergunta feita pela equipe da expedição. Aqui temos uma colaboração entre a provocação ao espetáculo e sua afirmação como resposta.

Atualizando os estudos de Debord, Silva (2007) comenta que do espetáculo passamos para o hiperespetáculo. De um conjunto de imagens, estamos em um tempo em que a imagem apresentada é única e está revestida com a aparência da diversidade. E essa diversidade, segundo o autor, existe em tempo real e não permite reflexão. E isso provoca reflexões no processo de observação desses depoimentos. O que parece ser diverso, compostos por várias vozes, pode ser o que não passa de repetições em tempo real.

Para um apontamento posterior também fica a indicação de que a própria Expedição A2C Intercom Sul 2015 foi replicadora desse espetáculo, na divulgação do evento pelas

idades onde passou e nas imagens que levou de Joinville, a sede da realização e origem dos integrantes, aos cursos de Comunicação Social nos três Estados do Sul. No entanto, essa observação permitiu pensar sobre e até identificar a presença da sociedade do espetáculo no depoimento das pessoas, sobretudo no conteúdo das falas de estudantes da área de Comunicação.

5. Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2008.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

COELHO, Claudio N. P. Introdução: em torno do conceito de sociedade do espetáculo. In: COELHO, Cláudio N. P.; CASTRO, Valdir José de (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

EZEQUIEL, Vanderlei. O marketing da responsabilidade social e a transformação das “questões sociais” em espetáculo. In: COELHO, Cláudio N. P.; CASTRO, Valdir José de (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

Página oficial da XVI Intercom Sul Univille, Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/intercomSULuniville>>. Acesso em 10 de jul. de 2015.

PATIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no telejornal sensacionalista. In: COELHO, Cláudio N. P.; CASTRO, Valdir José de (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

LERINA, Roger. **Festival da Barranca reuniu cerca de 300 pessoas à beira do rio Uruguai**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/04/festival-da-barranca-reuniu-cerca-de-300-pessoas-a-beira-do-rio-uruguai-4092409.html>>. Acesso em: 19 de jul. 2015.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação**: mídia, comunicação estratégica e mobilização social. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NOVA, Luiz Henrique Sá da. **Da cultura como mercadoria, ao consumo como prática cultural**. Recôncavos – Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras/UFRB. Vol. 1. 2007. p. 57-65.

SILVA, J. M. da. Depois do espetáculo: reflexões sobre a tese 4 de Guy Debord. In: GUTFREIND, C. F.; SILVA, J. M. da. **Guy Debord**: antes e depois do espetáculo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.